

Três personagens e o trabalho no início do século XXI

Conceição Aparecida Bento*

RESUMO:

O artigo analisa três trabalhadoras domésticas personagens da literatura: Félicité, protagonista do conto “Un Coeur Simple” de Flaubert; Vitória, personagem de *Angústia* de Graciliano Ramos e Domingas, a empregada de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. A análise dessas personagens permite pensar o trabalho no início do século XXI e os desdobramentos da relação entre literatura e sociedade.

Palavras-chave: Trabalho. Empregadas. Literatura.

Em *Demeure Blanchot*, Derrida aponta o status jurídico precário da literatura. Difícil, senão impossível, dizer o seu ser. Os agenciamentos que a atravessam são muitos e não são perenes. O crítico afirma a inexistência de um elemento intrínseco que a defina e indica o papel do leitor nessas determinações. Talvez se possa pensar a inexistência desse caráter como uma das suas marcas.

Assim, a análise da representação literária do trabalho não se coloca sem problematização. O mundo do trabalho, como outras esferas do fazer humano, está na literatura; difícil é dizer em que medida se pode separar o mundo, a dita realidade, da literatura; qual fio tênue dissocia a problemática realidade e a literatura. Que há implicações entre as duas instâncias não se duvida; que uma alimenta a outra, também não; mas persiste o problema. Personagens não são pessoas; são seres ficcionais, pode-se glosar Barthes; mas aí a questão se simplifica; pelo menos nesse momento.

Este texto procura analisar, a partir da literatura, a relação de três personagens com o trabalho doméstico. Uma inscreve-se no século XIX francês; a outra nos anos 30 do século passado no Brasil e a terceira está na passagem da primeira para a segunda metade do século XX, chegando aos anos 60 também no Brasil. No século XIX francês, encontra-se a personagem do conto “Un Coeur Simple” de Flaubert, Félicité; nos anos 30 no Brasil, Vitória, de *Angústia*, de Graciliano e, no final dos anos 2000, Domingas, de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. Os momentos históricos são diferentes, os espaços também; as similitudes, entretanto, são várias.

O conto de Flaubert, escrito em 1876, faz parte do compêndio *Três contos* e traz peculiaridades. A protagonista é uma criada. Durante meio século, ela causa inveja nas burguesas de Pont-l'Éveque, tal a dedicação a sua patroa e a seus filhos. O conto é um primor de narrativa. É a pequena vida, sem grandes acontecimentos, de Félicité que vive para os outros. Dedicar-se à patroa, aos seus dois filhos, Paul e Virginie, ao sobrinho, Vitor, que repentinamente aparece em sua vida, viaja para a América, e morre devido à febre amarela, e a Loulou, o papagaio. Os objetos de amor de Félicité morrem antes dela: a patroa, Virginie, o sobrinho e o amado papagaio com quem conversa e tem delírios que o aproximam do Espírito Santo. Félicité não é uma serva; o conto explicita o seu salário:

Durante meio século, as burguesas de Pont-l'Éveque invejaram à sra Aubain a sua criada Félicité.

Por cem francos ao ano, cozinhava e arrumava a casa, cosia, lavava, passava; sabia enfrentar um cavalo, engordar as aves, bater manteiga, e permaneceu fiel à sua patroa – que não era, entretanto, uma pessoa agradável (FLAUBERT, 1974, p. 37).

Vitória, a personagem de *Angústia*, aparece em meio aos tormentos de Luis da Silva. Ela também não é uma serva; recebe salário, enterra-o no quintal e é roubada pelo patrão. Como a Félicité, é pouco falante e possui um papagaio ao qual insiste em ensinar a fala: “A minha criada Vitória anda em cinquenta anos, é meio surda e possui um papagaio inteiramente mudo, que pretende educar assim: *Currupaco, papaco, / A mulher do macaco / Ela fia, ela cose, / Ela toma tabaco / Torrado no caco*” (RAMOS, 1978, p. 28).

Félicité é protagonista; Vitória um adendo no mundo conturbado de Luis, embora seja a figura feminina que permaneça ao seu lado. Sem menção à mãe; citando de modo mais afetivo apenas a avó Germana e Rosenda, que lhe oferece a xícara quente de café no dia da morte de seu pai e o alibi para o choro; Luis permanece só. Vitória o acompanha; oferece-lhe também o alimento quente quando vagueia entre um rol de mulheres caracterizadas por ele como de pouca valia – as vizinhas por razões diversas não prestam; Marina, que começou afogueada e satisfazendo as volúpias do narrador, termina chamada de puta por se deixar afagar e engravidar de outro, o pernóstico Julião, símbolo da exploração e da burguesia incipiente nas capitais brasileiras. Num romance em primeira pessoa, o narrador não percebe Vitória como a mulher que resiste ao seu lado: é a empregada de costumes esquisitos, leitora de jornal à procura das partidas e chegadas dos navios.

Domingas, de Hatoum, serve também durante décadas à patroa e a seus filhos. A servidão vai além dos afazeres domésticos. O texto insinua serviços sexuais aos dois filhos, apontando um viés da sociedade brasileira; a empregada é objeto de cama e mesa; serve aos patrões diuturnamente, limpa, lava, põe e tira a alimentação e, como um objeto, inicia os filhos na sexualidade. Domingas é mãe de Nael, o filho gerado de um pai incerto; um enjeitado, uma continuidade da mãe, um serviçal agraciado, aos olhos dos patrões, por partilhar o espaço da família. Domingas, Vitória e Félicité observam o mundo e pouco falam.

Nos três casos, está-se longe do capitalismo. Embora exista a sinalização do dinheiro, do pagamento – no caso de Domingas, a patroa, Zana, dá dinheiro à religiosa do orfanato em troca da índia –, a contiguidade com a regulação do trabalho própria do mundo do capital parece distante. Não há horários; o ponto, o marcar as entradas e saídas estão fora do conhecimento dessas personagens. Elas trabalham em tempo integral, vivem no espaço dessa labuta; casa e trabalho são um só e, não bastasse, a casa lhes é próxima e distante; são responsáveis por limpar, cuidar dela; conhecem-lhes os cantos e os segredos e, ao mesmo tempo, não pertencem verdadeiramente a ela; são peças da economia, fazem o *oikos* funcionar, mas estão fora dele; são apêndices com os quais se vive em tensão.

O tempo é, à semelhança do espaço, estranho a essas personagens. Ocupadas, vivem os acontecimentos, mas não há uma dimensão própria a elas, vivem-nos a partir da vida dos outros. O mote é o servir. Das três, a única que se aproxima de uma diferenciação do tempo é Vitória, com a leitura constante dos jornais procurando as partidas e chegadas dos navios. Essas idas e vindas, representantes do momento de mudança de rota, indiciam uma desejada inversão da trajetória; essa é a possível expectativa de Vitória; mudar a rota, inverter a direção desse tempo sem tempo; sempre o mesmo com seus resmungos numa casa que teme ruir, com o barulho de ratos, e com sua parolice com uma ave “que não diz nada”.

As três possuem uma abnegação próxima à do parvo. Tangenciam, de maneiras diferentes, com o mundo animal. A contiguidade atravessa os gestos repetitivos, o pouco vocabulário e, no caso das personagens de Graciliano e Flaubert, a proximidade e o afeto com o papagaio. Há uma identificação entre o animal e as personagens: ambos não possuem discurso próprio, de modo similar à ave, apenas executam ordens, correm para levar recados, transportam roupas ou crianças, mas não possuem a interação, traço característico do humano. A atitude responsiva capaz de alterar o

comando, de interagir com ele, distancia-se delas. Vitória, Félicité e Domingas percebem o mundo por meio das ordens, da captação da ação do outro que muitas vezes mimetizam – haja vista as constantes contiguidades das ações de Zana e Domingas e algumas duplicidades entre Mme Aubain e Félicité –, mas não devolvem uma ação que possa alterá-lo ou inscrever uma outra ordem.

Do ponto de vista afetivo, Félicité e Domingas têm no quarto um depósito, ainda que precário, de suas memórias. Félicité agarra-se aos objetos excretados do espaço de Mme Aubain e seus filhos e os guarda como relíquias. Morto o papagaio, manda empalhá-lo e também lhe reserva um santuário no seu quarto. Excluída do espaço interno da casa do qual é apenas um apêndice, um exemplo é a proibição de Mme Aubain que beije os seus filhos; ela se apropria dos dejetos da casa, dos restos que acumula. Há nisso uma relação de submissão, mas também de resistência – se a memória afetiva não se realiza pelo centro, ela se realizará pelas brechas que lhe são deixadas; se não pode vivenciar integralmente o espaço, ele será vivido por meio de um espaço alternativo de memória, ressignificando o que foi excluído. Domingas também guarda em seu quarto o ejetado pela economia doméstica. Ao retornar a Manaus, Yaqub, o filho exilado no Líbano, encontra os traçados infantis – metáfora das marcas que permanecem – no quarto da empregada.

Entraram no quatinho onde Domingas e Yaqub haviam brincado. Ele observou os desenhos de sua infância colados na parede: as casas, os edifícios e as pontes coloridas, e viu o lápis de sua primeira caligrafia e o caderno amarelado que Domingas guardara e agora lhe entregava como se ela fosse sua mãe e não a empregada (HATOUM, 2000, p. 21).

Vitória zanza pela casa de Luis, não se sabe se há um espaço reservado a ela, não se sabe onde dorme. No mundo corroído de Luis e dos ratos comensais de livros, Vitória, além de se agarrar aos jornais, possui outra inusitada mania, cavar o quintal e enterrar o seu salário.

No princípio do mês, quando se aproxima o recebimento do ordenado, excita-se e não larga o Diário Oficial. [...] E faz cálculos que não acabam, cálculos inúteis, porque não gasta nada: usa os meus sapatos velhos e traz um xale preto amarelento que deve ter dez anos. Recolhe a mensalidade e mete-se no fundo do quintal, põe-se a esgaravatar a terra como se plantasse qualquer coisa. Esquece os navios e as lições ao papagaio (RAMOS, 1978, p. 29).

Espacialmente, se pode ver nesse ato a simbologia dos dois brasis apontados pela crítica como uma das dimensões do livro de Graciliano e do Brasil na década de 1930: o Brasil rural e o urbano. Esses dois polos dizem também Luis da Silva, que oscila entre a escrita, os papéis, os agenciamentos urbanos do comércio nas suas diferentes formas, inclusive o trabalhista que perpassa o fazer dos jornalistas e escritores, dentre os quais se inscreve, e o rural motivador das reminiscências do avô – Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, o chefe do lar, dono de terras e pessoas – e de José Baia – o matador destemido, distante da letra, mas próximo da força, da virilidade que o protagonista tanto almeja. Vitória recebe os níqueis – símbolo do capitalismo incipiente – e escolhe mantê-los nas entranhas da terra; único lugar em que, pensa ela, eles podem frutificar. Aqui ecoa traços de outra Vitória de Graciliano, a de *Vidas Secas*: desterrada e à procura de um lugar para se fixar, uma terra da qual possa tirar os frutos para o sustento da sua família.

As experiências da temporalidade e a espacialidade podem ser vistas como condições do conhecimento. São suportes do existir; sem elas as personagens ficam alheias ao passado, presente

e futuro, aos espaços que ocupam e ocuparam. Como tática, agarram-se aos elementos possíveis: aos objetos excluídos e em vias de serem superados, à mimetização da ordem da natureza, “põe-se a esgaravatar a terra como se plantasse qualquer coisa”. As personagens resistem na medida de suas possibilidades.

A essas alienações vem se juntar uma outra, a da linguagem. O mutismo das personagens é significativo. Benveniste descreve, no texto “Comunicação animal e linguagem humana”, o experimento realizado por Karl von Frisch com as abelhas. Observa-se nessa experiência que elas transmitem informações, mas não há interação entre elas; são executantes de determinações, prisioneiras das imposições. As personagens literárias, humanas, colocam-se distantes da liberdade da ação e da linguagem.

Nos três casos, é difícil pensar no sobretrabalho que Marx (MARX, 1978, p. 82-83) associa à mais valia. Diferente do exemplo do fiandeiro, dado em “Salário, Preço e Lucro”, as personagens não trabalham 6 horas além das necessárias para a sua manutenção física; a labuta é contínua. Há uma vassalagem entrelaçando capitalismo e servidão no fim do século XIX francês, na década de 1930 e na passagem da primeira para a segunda metade do século XX no Brasil. Há um trabalho ininterrupto, transcendendo determinações de horário e local, que coloca as personagens fora do tempo e do espaço. Para essas três personagens, o fordismo ainda não chegou, elas se distanciam das regulações do capitalismo, desenham uma síntese inusitada e estapafúrdia entre o capital e a servidão.

As personagens parecem anacrônicas. Estão fora de seus tempos. Com o nosso, o anacronismo parece muito maior. Engano. Os trabalhadores no início do século XXI revivem com alterações a mesma história. Na era da informática, repetem Félicité, Vitória e Domingas. Trabalham em tempo integral e em qualquer lugar. Nos aeroportos, nos bares, nas ruas, em suas casas, eles estão conectados por meio de novos aparelhos ao mundo do trabalho. Há o dinheiro perpassando as relações, há as regulamentações, embora se pretenda, cada vez com mais constância, elidi-las em nome do eufemismo *flexibilização trabalhista*. O capitalismo tangencia com uma nova forma de servidão, em que o trabalhador fica integralmente disponível. No caso das personagens, camufla-se menos a servidão; na atualidade, o capitalismo assume nuances de modernidade e faz exigências: é necessário ser bem articulado, falar mais de uma língua, ser “pró-ativo”. A servidão ganha novos ares. Reconhecem-se esses novos trabalhadores nas personagens de outrora. O tempo passado é visto como um gérmen do presente ou o presente apenas atualizador de uma repetida realidade, uma nova velha história. O ócio criativo faz lembrar história de carochinha; é para poucos, muito poucos. O que vale é o trabalho desenfreado e constante. Horário flexível significa trabalho não remunerado nas madrugadas; locais flexíveis, uma tentativa de desafogar o caótico trânsito das metrópoles e um expediente cada vez mais alongado. Félicités, Vitórias e Domingas são trabalhadoras muito modernas.

Tempo e espaço, como no caso das personagens, hoje, são alienados dos trabalhadores. Aquelas viviam num espaço que não lhes pertencia; eram responsáveis pelo funcionamento da casa e ficavam à margem dessa – no quintal, nas edículas dos fundos; não havia uma divisão entre o espaço de trabalho e o da vida privada; dado que eram tomadas como um prolongamento da casa. Hoje, cultua-se a fábula da privacidade, recurso eficaz para movimentar a roda do consumo: é necessário mobiliar os espaços da intimidade com particularidades, transformá-lo em local aconchegante, privado. Não existe mais, todavia, a separação entre o escritório e a casa; mensagens eletrônicas diversas atingem o trabalhador onde estiver; ele é requisitado em qualquer espaço: não há privacidade possível. Do mesmo modo, qualquer tempo é requisitado para o trabalho. Esse se tornou onipresente, deve-se permanecer à disposição. É um sistema invasor, imagem de Milton Santos em *Por uma outra globalização*. Ele

adentra quaisquer espaços e tempos; labora com fábulas engenhosas a respeito da flexibilização, do ócio, da velocidade, da aldeia global, da solidariedade.

No caso de Vitória e Domingas não se pode dizer que os patrões representem a burguesia brasileira. Luis da Silva está certamente melhor que a sua surda empregada, mas não muito. Os descendentes de libaneses trabalham no comércio, logram fazer com que um dos filhos chegue à Universidade e ao trabalho liberal, mas também não representam a elite brasileira. Longe estão dos senhores amolengados na rede, vivendo quase sem trabalhar, de *Casa Grande & Senzala*. Os patrões e seus empregados, nesses dois exemplos da literatura brasileira, remetem a uma progressão da violência e da exploração. Luis é o melhor exemplo. Faz longas elucubrações sobre as relações subservientes nas redações dos jornais onde trabalha, mas ele, narrador/ autor do romance que conta sua angústia, não percebe a exploração de Vitória, personagem que o acompanha do início ao fim da trajetória. Se ele não a percebe dessa forma e se, de um lado, não é o senhor que vive na rede de Gilberto Freire, Vitória, por outro lado, na imagem de Antonil evocada pelo sociólogo (ANTONIL apud FREIRE, p. 686), é um prolongamento de suas mãos e pés:

“- Obrigado, Vitória. Não quero comer. Traga-me um copo de água.” Vitória afastava-se arrastando os pés, levando a bandeja com a comida que me dava engulhos. Minutos depois, lá vinha, chap, chap, resmungando, a cara fechada, e entregava-me o copo (RAMOS, 1978, p. 212).

Essa escalada da violência está, do mesmo modo, em *Dois Irmãos*. A empregada é regateada por móveis velhos do restaurante do pai de Zana e pelo envelope com dinheiro entregue à religiosa. Os estrangeiros que migraram para o Norte brasileiro compram os aborígenes, prolongando e aprimorando a escravidão, incorporam e constroem a figura do agregado que pertence à família pelo seu não pertencimento, e, ao mesmo tempo, permitem as fábulas do caráter civilizatório e solidário do estrangeiro. Ele vem de fora para trazer as luzes, a cultura, a religião, a razão, para elevar o nativo do seu estágio de barbárie. Cria-se, assim, uma cumplicidade paradoxal entre a exploração e a aceitação. Aquele que explora é também o protetor, o ser que eleva o submisso para um estágio melhor de vida. No século XIX francês, esse é o caráter aceito por Félicité, eternamente grata à sua patroa por tê-la acolhido como faz-tudo em sua casa e por um abraço, depois de muitas intempéries, de pretensa igualdade. Com Domingas não é diferente; os raros esboços de revoltas, contadas pelo narrador, são diminuídos pelas justaposições da criada e a patroa, como quando as duas rezam diante do altar:

[...] rezavam juntas, veneravam o mesmo deus, os mesmos santos, e nisso elas se irmanavam. Nas horas da reza, em frente ao altar da sala, ficavam juntas, ajoelhadas, adorando a santa de gesso que Domingas espanava todas as manhãs (HATOUM, 2000, p. 68).

As duas rezavam juntas a orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus. Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar opostos, o céu e o inferno, a patroa e a empregada” (HATOUM, 2000, p. 64-65).

Deixou-se, no início desse texto, em suspenso, a questão da literatura. Como assinalá-la no interior desses textos, como separar os elementos ditos da realidade daqueles da escrita ficcional. Analisar as três personagens, apontar os seus vínculos com o mundo do trabalho que nos pertence atesta

a literatura? Sim e não; mais não que sim, diria. Quando se identifica os elementos da realidade social na literatura, tangencia-se com a sociologia do texto literário; reconhece-se aspectos da sociedade na literatura. A literatura permite isso, mas permanecer nessa identificação é deixá-la de lado. A questão, como afirma Antonio Candido, é pensar como esses dados se transformam em matéria poética; como dos dados sociais chega-se à narração literária; ou seja, em que medida eles se transformam numa outra matéria que não é o mero retrato ou a mera representação da realidade. Uma matéria, como afirma Derrida, difícil de precisar, com um status precário e instável

Sa passion consiste en ceci qu'elle reçoit sa détermination d'autre chose que d'elle-même. Alors même qu'elle recèle le droit inconditionnel de tout dire, et la plus sauvage des autonomies, la désobéissance même, son statut ne lui est pourtant jamais assuré ou garanti à demeure, chez elle, dans de dedans d'un 'chez soi'. Cette contradiction est son existence même, son processus extatique. Avant sa venue à l'écriture, elle dépend de la lecture et du droit que lui confère une expérience de lectura¹ (DERRIDA, 1998, p. 29-30).

Parte-se desse status precário, instável, e, do prisma do leitor, entende-se, aqui, por literatura o trabalho com a linguagem; trabalho que de múltiplas formas relaciona-se com o social, o diz e o ultrapassa. As três personagens analisadas transcendem os períodos em que viveram e as mazelas do trabalho doméstico das mulheres francesas e brasileiras, no final do século XIX, nos séculos XX e XXI. Esse trabalho as vincula a formas atuais de agenciamentos daqueles que inscrevem no campo profissional. Diferente e semelhante, o trabalho hoje se aproxima do daquelas mulheres por indicar um tempo sem tempo, um espaço que invade muitos outros espaços. Eis uma das características da literatura, o antecipar, um dizer não restrito ao momento em questão.

Além da transcendência do espaço e do tempo, as camadas linguísticas das obras não se esgotam na dimensão denotativa; elas criam outras significações. Os nomes das personagens são ilustrativos. Três semias positivas para vidas nada fáceis: a felicidade não é característica do conto “Un Coeur Simple”, uma trajetória de acúmulo de malogros e tristezas; vitória, do mesmo modo, não apresenta bem a personagem que enterra o salário no fundo do quintal e não logra pegar o navio; domingo, por sua vez, é o nome do dia do descanso do Senhor e não nomeia bem quem nunca para sua lida, exceto, talvez, quando faz par com a patroa e realiza orações que não são suas, mas indicam as palavras da dominação sofrida na instituição religiosa para qual fora levada. O senhor descansou no sétimo dia; não é o caso dessas trabalhadoras. Nos três casos, a ironia instaura-se, indicando que o significado primeiro é uma réstia diante dos que o texto literário pode alcançar.

Num outro viés, as personagens não se esgotam nas obras mencionadas. Félicité e Vitória desdobram-se ficcionalmente em outros textos dos autores. Repetem-se no interior dos romances que eles escreveram. Em *Madame Bovary*, romance no qual Ema, a protagonista, é o oposto da autômata e conformada criada do campo, há uma outra empregada chamada Félicité. A jovem com quem Ema trava o diálogo no final do capítulo 5 da primeira parte tem esse nome. Personagem apenas pontual, a conversa com a patroa ilustra uma outra antinomia – o nome da personagem e o teor do diálogo, uma precisa imagem das tristezas e insatisfações de Ema:

- Por que a senhora não conta ao patrão? – perguntava-lhe a criada, vendo-a nessas crises.
- São os nervos – explicava Ema. – Não lhe fale sobre isso, que ele se afligiria.

- Ah, sim – respondeu Felicidade – A senhora é exatamente como a Guérine, a filha do tio Guérine, o pescador de Pollet, que eu conheci em Dieppe antes de vir para aqui. Ela andava triste, tão triste que vê-la de pé à porta era ver um sudário estendido. Sua doença, ao que parecia, era uma espécie de nevoeiro na cabeça, e nem os médicos nem o padre podiam curá-la. Quando a crise era mais aguda, ela saía sozinha e caminhava a esmo pela praia [...]. Mas contam que depois que ela se casou, se curou completamente.

- Só que em mim – retrucou Ema – tudo isso surgiu depois que me casei (FLAUBERT, 2002, p. 133).

A Vitória de *Angústia*, como a de *Vidas Secas*, busca na terra, no ato significativo de cavar e enterrar o seu dinheiro, a possibilidade de vê-lo frutificar. Ambas são desterradas, procurando um lugar para criar raízes, ambas ludibriadas pelos patrões na manipulação do dinheiro. Como a nomeação das Félicités de Flaubert, as personagens de Graciliano acionam uma dimensão subterrânea da linguagem, a ironia. Embora participem pouco do que se chama felicidade, diferentes de Ema e da filha de Guérine, elas não andam com um nevoeiro sobre a cabeça.

Domingas, estranha ao ninho dos libaneses; órfã, distante do irmão e dos costumes do seu povo ribeirinho, inscreve-se na tradição iniciada pela protagonista de Flaubert. Em várias entrevistas, Milton Hatoum afirma o vínculo entre a sua personagem e a do escritor francês. Uma outra possível intertextualidade, todavia, vincula Domingas aos textos de Defoe, *Robinson Crusóé*, e de Tournier, *Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico*. O nome da personagem remete a Sexta-feira. Como este, Domingas é responsável pela manutenção da ordem na casa em que trabalha. A personagem vai para casa dos descendentes de libaneses para receber a cultura – aprender a se pentear, vestir-se, cuidar da casa e das crianças – e, paradoxalmente, representará, numa economia de desregramentos, a ordem e deterá a coautoria da narrativa; Nael tem nela uma fonte da história narrada, ainda que o texto a mostre como de poucas palavras. Domingas inscreverá a ordem na casa – a limpeza, o arrumar – e será também o equilíbrio entre os excessos de Zana, tendendo para o Caçula, e as exigências do outro filho; será o equilíbrio, perverso, entre os apetites sexuais no interior da casa. A eroticidade entre Zana e Omar encontrará escape na cópula forçada entre ele e a empregada, a falta de atenção de Yaqub encontrará o seu equilíbrio na sua figura e quiçá o patriarca encontrará refúgio em seus braços. A ideia é suscitada pelo episódio da briga entre Halim e Azaz. Segundo este, Halim “andava no maior chamego com as índias, a empregada dele e as da vizinhança. E contava, esse Azaz, que muitos curumins pediam a benção a Halim”. Introduz o trecho a fala insinuante de Domingas para Nael, seu filho e narrador do romance: “Tu nasceste quando o Halim brigou em praça pública e cidade inteirinha comentou”(HATOUM, 2000, p. 152), marcando a contiguidade entre o nascimento do filho e as acusações de Azaz ao patriarca.

A dimensão social dessas três personagens é inegável. Elas, todavia, dizem muito mais. Mostram como a literatura incide sobre a linguagem e, não possuindo uma essência, um traço perene, exige do leitor a leitura do texto para conhecê-la. Não se pode dizer que a literatura nas obras analisadas se identifica simplesmente com o seu caráter ficcional ou com a junção desse com a remissão aos dados sociais. No caso das três personagens, vê-se a literatura nos detalhes carregados de simbologias, nas ironias, nas intertextualidades. Não se pode, no entanto, dizer a priori que esses elementos indiquem o literário. Eles só se realizam no ato da leitura e das imbricações dos elementos linguísticos no interior do texto; assim, a literatura implica o ato que a realiza, na escrita e na leitura. Nas três personagens vê-se a ironia, indicando os desdobramentos da língua em dimensões variadas; leem-se metáforas e contiguidades que não representam a realidade, mas a expandem a outras percepções.

Three characters and work at the beginning of the 21st Century

ABSTRACT:

This article analyses three characters as housemaids in literature: Félicité, the protagonist of the short story “*Un Coeur Simple*” by Flaubert; Vitória, a character in *Angústia (Anguish)* by Graciliano Ramos, and Domingas, the maid in the book *Dois Irmãos (Two Brothers)* by Milton Hatoum. The analysis of these characters allows us to reflect on work at the beginning of the 21st century and the unfoldings of the relationship between literature and society.

Keywords: Work. Housemaids. Literature.

Notas explicativas

- * Professora Adjunta do Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, UFVJM, Diamantina, Minas Gerais.
- ¹ “Sua paixão consiste em que ela receba sua determinação de outra coisa e não dela mesma. Assim, ainda que ela possua o direito incondicional de dizer tudo e a mais irrestrita das autonomias, a própria desobediência, seu status não lhe é todavia assegurado ou garantido de forma permanente, nela, no interior de um ‘em si’. Esta contradição é sua própria existência, seu processo extático. Antes de chegar à escritura, ela depende da leitura e do direito que lhe confere uma experiência de leitura” (DERRIDA, 1998, p. 29-30).

Referências

- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Lúcia Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. 387 p.
- DEFOE, D. *Robinson Crusóe*. Trad. Domingos Demasi. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2009. 364 p.
- DERRIDA, J. *Demeure: Maurice Blanchot*. Paris: Galilée, 1998. 144 p.
- FLAUBERT, G. *Três Contos*. Trad. Luís Lima. São Paulo; Rio de Janeiro: Três, 1974. 136 p.
- _____. *Madame Bovary*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2002. 414 p.
- FREIRE, G. *Casa Grande & Senzala*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946. 846 p.
- HATOUM, M. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 266 p.
- MARX, K. “Salário, Preço e Lucro”. In: *Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros Textos Escolhidos*. Trad. Leandro Konder. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 407 p.
- RAMOS, G. *Angústia*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978. 230 p.
- SANTOS, M. *Por uma Nova Globalização*. 10. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003. 164 p.
- TOURNIER, M. *Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico*. Trad. Fernanda Botelho. São Paulo: Difel, 1984. 249 p.

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 5 de janeiro de 2012